



somoscoop

O Campo

Edição 33 • maio | junho • 2020

Coopermota

Mala Direta
Básica

Contrato: 2017
CNPJ 46844338/0001-20 / SE/SPI

Coopermota Cooperativa
Agroindustrial



PANDEMIA

PANORAMA DE REFLEXOS NO COTIDIANO DO AGRO



Lavouras estressadas
são mais suscetíveis
ao enfezamento



Cooperado ganha
mais de 10 provas
de laço em cavalos
em um só ano

CULTIVANDO
UM **FUTURO**
INOVADOR
E SUSTENTÁVEL

 Coopermota



SITUAÇÕES QUE GERAM REFLEXÕES

O primeiro trimestre de 2020 foi um período de incertezas para a população e bastante triste para boa parte das pessoas. Vivenciamos a disseminação de um vírus com proporção até então desconhecida pela ciência. Em menos de três meses, o Covid-19 se espalhou por 160 países, com milhares de mortes e infectados. Passamos então por mudanças de hábitos, divergências de posturas e opiniões sobre medidas a serem tomadas, tendo ainda autoridades em disputa sobre o caminho a ser adotado, entre vários outros fatores.

Embora as dúvidas sejam o carro-chefe das análises diante dos desdobramentos da pandemia, a certeza que alimentamos é de que algumas transformações devem ser sentidas pela sociedade a médio e longo prazo. Alterações nos campos culturais, da política, da economia, das relações sociais e de convivência já são sentidas. Analistas afirmam que o coronavírus seria o acelerador de mudanças que o mundo vivenciaria somente a longo prazo, caso ocorressem de forma voluntária. Tais transformações serão mais sentidas em alguns setores em detrimentos de outros. Ainda não sabemos quais as posturas serão mantidas pela população no período de pós pandemia, mas a situação sugere reflexões e mudanças externas e internas aos cidadãos.

Nesta edição da O Campo, trazemos uma sequência de reportagens sobre os impactos da pandemia em alguns setores. Informamos que, seguindo as medidas de restrições implantadas no estado, todas as reportagens foram feitas por telefone, whatsapp e e-mail, com o uso de algumas imagens de arquivo ou de colaboração de entrevistados.

Destacamos a permanência das atividades dos agricultores, responsáveis pela produção de alimento no país, mas também retratamos as dificuldades sentidas e as expectativas de consequências econômicas para o setor em várias culturas. Trazemos abordagens relacionadas aos mercados de grãos, peixe, leite e mandioca.

Porém, ainda que estejamos em um período difícil, o sorriso e a alegria devem fazer parte de nosso dia a dia. A reportagem sobre a atividade de competidor amador do campeonato de laço individual, vivida por cooperado da região de Rancharia, demonstra os frutos colhidos pela dedicação deste que ama estar com o animal e romper o desafio do controle do cavalo e da agilidade na imobilização do bezerro.

Enquanto passamos por dúvidas quanto aos desdobramentos da pandemia, mantemos a certeza de que somente o monitoramento constante das lavouras indica o melhor manejo a ser adotado frente a pragas e doenças que possam atuar na contramão do bom desenvolvimento das plantas. O enfezamento, causado pela cigarrinha, é pauta desta edição. Trazemos uma reportagem realizada por intermédio do sistema de webinar disponibilizado pela Embrapa. O pesquisador Walter Meirelles apresenta um complexo de manejos que contribuem para a redução de danos em lavouras de milho de segunda safra.

A cultura, que está em suspensão neste período de pandemia, ainda pode fazer parte desta edição por ter sido registrada ainda antes do início da disseminação do vírus no Brasil. O Grupo Tamanco Malandro trouxe alegria aos cidadãos de Paraguaçu Paulista, em show realizado no mês de fevereiro.

Além disso, você também poderá saber um pouco mais sobre o nosso plano de saúde, S.P.A, entre outros temas que fazem parte do dia a dia da nossa cooperativa.

Tenha uma boa leitura!



Vanessa Zandonade
Editora

▲ Expediente

EDIÇÃO, REPORTAGENS, FOTOS E REVISÃO

Vanessa Zandonade (MTB 43 463/SP)

ARTE E DIAGRAMAÇÃO

NovaMCP Comunicação

IMPRESSÃO

Magraf

ANÚNCIOS

Departamento de Comunicação Coopermota
18 3341 9436 / 18 9 9163 0985

REPRESENTANTE COMERCIAL

Agromidia - São Paulo
Guerreiro Agromarketing - Maringá

REVISTA O CAMPO

Av. da Saudade, 85
Cândido Mota - SP
ocampo@coopermota.com.br



PRESIDENTE

Edson Valmir Fadel

VICE PRESIDENTE

Antônio de Oliveira Rocha

TIRAGEM

3000 exemplares



A FORÇA DO AGRO

Neste ano estamos vivendo um período atípico. A pandemia que se alastrou pelo mundo, do oriente para o ocidente, tem trazido importantes impactos sanitários, sociais e econômicos a todas as nações. Ainda não temos a medida do quanto seremos afetados, mas com certeza teremos setores com mudanças estruturais no decorrer do ano. Muitas vidas serão transformadas e a economia também será alterada. Neste contexto, a expectativa de crescimento do país já está com os seus índices revisados. As estimativas já são de queda de pelos menos quatro pontos no PIB brasileiro. Uma situação que deve trazer dificuldades a muitas pessoas a curto e médio prazo.

No agronegócio, porém, espera-se que os danos sejam menores. O que observamos é que os setores do turismo, do comércio, de bares e de restaurantes sentirão os impactos de forma mais severa. Em contrapartida, as expectativas em torno do setor de alimentos, do qual fazemos parte, é de que as consequências da pandemia tenham consequências mais moderadas, assim como no setor da saúde. Inclusive, as exportações dos commodities agrícolas continuam em alta. No mês de abril, por exemplo, os portos de Paranaguá e Antonina, tiveram a maior movimentação mensal da história. Foram mais de 5,5 milhões de toneladas de cargas, o que representa um total de 30,9% de volume superior ao mesmo período de 2019. Foram 30 dias de intenso fluxo de exportação. Com isso, podemos afirmar com segurança que será o setor do agronegócio, mais uma vez, que trará dados positivos para o Brasil, nesta que é uma de suas piores crises.

No Vale Paranapanema, a quarentena chegou no exato momento de colheita da safra verão, exigindo a implantação de algumas práticas de higiene e segurança, porém com dedicação intensiva para a adequação da logística para o recebimento dos grãos. Os alimentos precisam continuar sendo colocados à mesa dos cidadãos. O agro não pode parar.

Diante disso, destacamos a importância de nossos cooperados, assim como dos agricultores de uma forma geral. Com habilidade, dedicação e muita atenção/cuidado ao que a natureza nos diz, o produtor rural vem fazendo o seu papel de garantir o abastecimento de alimentos para o mundo. Agradecemos a cada um de vocês que dedicam seus esforços para superar as adversidades e contribuir para dias melhores.



Antônio de Oliveira Rocha
Vice-Presidente da Coopermota

06

CAPA:
Produtores de grãos mantêm atividade e se protegem do coronavírus

10

CAPA:
Cai consumo de peixes em restaurantes e aumenta em supermercados

14

CAPA:
Litro de leite sofre queda no valor pago ao produtor

17

CAPA:
Produtores de mandioca retardam venda por melhores preços

20

Pesquisador alerta sobre suscetibilidade do milho ao enfezamento diante de plantas estressadas

26

Cooperado comemora bons resultados obtidos em provas de laço na modalidade amador individual

27

Plano de Saúde do Produtor Rural é indicado para se precaver em situações de risco sanitário como este

31

Beneficiários do S.P.A Saúde recebem máscaras de proteção contra o Covid-19

32

Cooperados recebem pagamento referente ao programa de Cota-parte da Coopermota

33

Seção "Nossa receita" ensina você a fazer Moqueca de Tilápia Candú

35

Programação da Coopershow já prevê ações voltadas às mulheres

40

Evento dá destaque ao samba, na cidade de Paraguaçu Paulista (ação anterior à pandemia)

42

Conselho eleito na AGO é empossado



O AGRO x A PANDEMIA

MERCADO DE GRÃOS

Isolamento nas rotinas da cidade e trabalho intenso no campo

O início da quarentena determinada pelo governo do estado de São Paulo ocorreu em plena conclusão de colheita da safra de soja. Exportações batem recorde e mantêm ritmo de comercialização

Para a grande maioria da população, a rotina foi consideravelmente alterada a partir do mês de março. O panorama era de crianças em casa devido à suspensão das aulas, bares, lotéricas, lojas e outros comércios não-essenciais fechados. Nos supermercados, primeiro houve a procura frenética por alimentos, depois o acesso passou a ser com algumas restrições e cuidados de higiene. A pandemia global do Covid-19, causada pelo coronavírus, com certeza trouxe incertezas e insegurança para grande parte das pessoas diante da falta de informação sobre o novo vírus que se espalhou pelo mundo. Contudo, no agronegócio, a colheita e o plantio da safra, bem como o manejo necessário para o desenvolvimento

das plantas, assim como o retiro do leite e a produção de alimento de uma forma geral, precisaram ser mantidos. Sob o lema #oagronãopara, os produtores rurais se mantiveram ativos, e respeitando as medidas de segurança necessárias e possíveis para o setor.

No sítio de Elizeu Martins, por exemplo, no bairro Barro Vermelho, em Cândido Mota, ao final de março, quando o decreto estadual determinou o isolamento social da população como medida de prevenção à doença, a colheita da soja estava em plena atividade. As máquinas cruzavam o campo durante todo o dia para o encaminhamento da produção até os destinos de armazenamento e comercialização.

Por ser considerada uma atividade essencial, ela

se manteve ativa em todo o Brasil. Martins realizou o plantio do milho exatamente na sequência da colheita da soja. A agilidade na semeadura visa se enquadrar no zoneamento da safra dentro do prazo determinado pelas instâncias governamentais. “Para o nosso trabalho não houve tantas alterações. Nós conseguimos terminar a colheita da soja e já estávamos com as sementes do milho compradas. Já plantamos a safra e fizemos os manejos iniciais que precisávamos”, comenta.

Entretanto, algumas mudanças no cotidiano foram necessárias. Martins conta que passou a manter contato mais frequente com a equipe técnica para as orientações de manejo via telefone. Na cooperativa, os cuidados foram redobrados. “Respeitamos todas as orientações que nos foram dadas, permanecendo a uma distância segura entre as pessoas. Passamos a utilizar o álcool gel e lavar as mãos com frequência, além de usar máscaras”, enfatiza.

Embora faça parte da parcela de trabalhadores que precisam continuar o trabalho durante a pandemia, o produtor comenta que evita ao máximo o contato com as pessoas em suas atividades cotidianas. “Estou fazendo todos os serviços bancários todas por aplicativo e telefone”, cita. O agricultor destaca que quando não está trabalhando no campo permanece no sítio, tendo o convívio apenas de sua esposa. “Estamos isolados em casa. Temos uma preocupação constante quanto ao vírus que continua contaminando pessoas na região. A gente sabe que epidemias são problemáticas. Lembro dos desdobramentos da Gripe Espanhola e da Peste Bubônica. Até que apareça uma vacina, precisamos ficar muito atentos. Avalio positivamente o fato das autoridades exigirem da população para se cuidarem. Não é uma brincadeira”, afirma.



O país registrou alto volume de exportação nesta safra finalizada entre fevereiro e março.



A produção da safra 2019/2020 foi colhida exatamente no início da Pandemia no Brasil.



} #OAGRONÃOOPARA

De acordo com dados da Confederação da Agricultura e Pecuária do Brasil (CNA), um terço dos trabalhadores do país atuam no setor agropecuário. Em 2015, a Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (PNAD) registrou um total de 94,4 milhões de trabalhadores brasileiros vinculados ao agronegócio, sendo 13 milhões destes atuantes na agropecuária; 6,43 milhões no agrocomércio; 6,4 milhões nos agrosserviços e 4,64 milhões na agroindústria.

O trabalho desenvolvido no setor agrícola, mesmo durante a pandemia, é responsável por manter a produção de alimentos em atividade e influenciar diretamente no PIB nacional. A atuação no campo deve resultar, nesta safra inverno 2020, em um total de 75,4 milhões de toneladas de milho de segunda safra, conforme estimativa da Companhia Nacional de Abastecimento (Conab). Este montante representa um crescimento de 4,5% na área de plantio, estando cultivado em um total de 13,5 milhões de hectares. Já para a soja, a produção está estimada em 122,1 milhões de toneladas, o que representa um aumento de 6,1% em relação à safra 2018/19.

Seguindo o posicionamento dos profissionais técnicos da Conab, em relatório emitido pela entidade, “a elevação da estimativa de produção de milho para a safra 2019/20 no âmbito nacional, deixa um cenário um pouco menos complicado para o início da próxima safra. Assim, com aproximadamente 60% da segunda safra brasileira já comercializada a preços bem acima dos custos de produção, os produtores estarão capitalizados, podendo correr o risco de um mercado especulativo. No entanto, a relação conflituosa entre a Rússia e Arábia Saudita, no que se refere ao mercado de petróleo e à demanda menor por combustíveis devido ao lockdown provocado pelo Covid-19, poderá influenciar nas tomadas de decisão das usinas brasileiras de etanol à base de milho, podendo, inclusive, retornar parte do volume do cereal já adquirido ao mercado novamente”. ■



ADAMA

Galil®

Tranquilidade até onde a vista alcança.

COMUNICAÇÃO ADAMA

Este produto é perigoso à saúde humana. Leia atentamente e siga rigorosamente as instruções contidas no rótulo, na bula e na receita. Utilize sempre equipamentos de proteção individual. Nunca permita a utilização do produto por menores de idade. Consulte sempre um Engenheiro Agrônomo. Venda sob receita médica agrônoma.

MANEJO EFETIVO
DE PERCEVEJOS



Controle de fato é Galil®

O AGRO X A PANDEMIA

MERCADO DA PISCICULTURA

Queda nos restaurantes e aumento em supermercados

“A primeira semana do isolamento foi uma loucura. Os supermercados passaram a comprar o triplo do que compravam anteriormente”, diz produtor

No dia 17 de março, o Diário Oficial do Estado, veiculava o decreto do governador João Dória suspendendo as aulas nas escolas públicas e particulares do estado de São Paulo, como medida preventiva contra a disseminação do Covid-19. Da mesma forma, determinava o início do isolamento social da população e o fechamento de estabelecimentos comerciais, a suspensão de eventos e outras medidas que indicavam a necessidade de uma mudança de postura das pessoas frente à possibilidade de contágio da doença. Tais medidas trouxeram reflexos diretos em boa parte das atividades econômicas, impulsionando algumas e desestimulando outras.

Para o setor da piscicultura, a mudança nos hábitos dos consumidores ocasionou impactos positivos

e negativos dentro da mesma cadeia produtiva. O decreto implantou o sistema de delivery como opção de funcionamento dos restaurantes, como precaução à aglomeração de pessoas. Isso reduziu drasticamente o consumo nestes empreendimentos. Em contrapartida, com a determinação do governo que indicava uma longa permanência das pessoas em isolamento, muitos se dirigiram aos supermercados para garantir o abastecimento familiar no que se refere aos mantimentos.

As duas realidades de mudança afetaram na comercialização dos peixes e seus reflexos fizeram parte do dia a dia da piscicultura Cristalina, localizada na divisa entre São Paulo e Paraná, no município de Fartura. A família Nakata trabalha com a engorda de Tilápia no sistema de tanque-rede desde 2002 e tem os



No início da quarentena a comercialização de peixe chegou a triplicar em relação aos outros meses do ano.

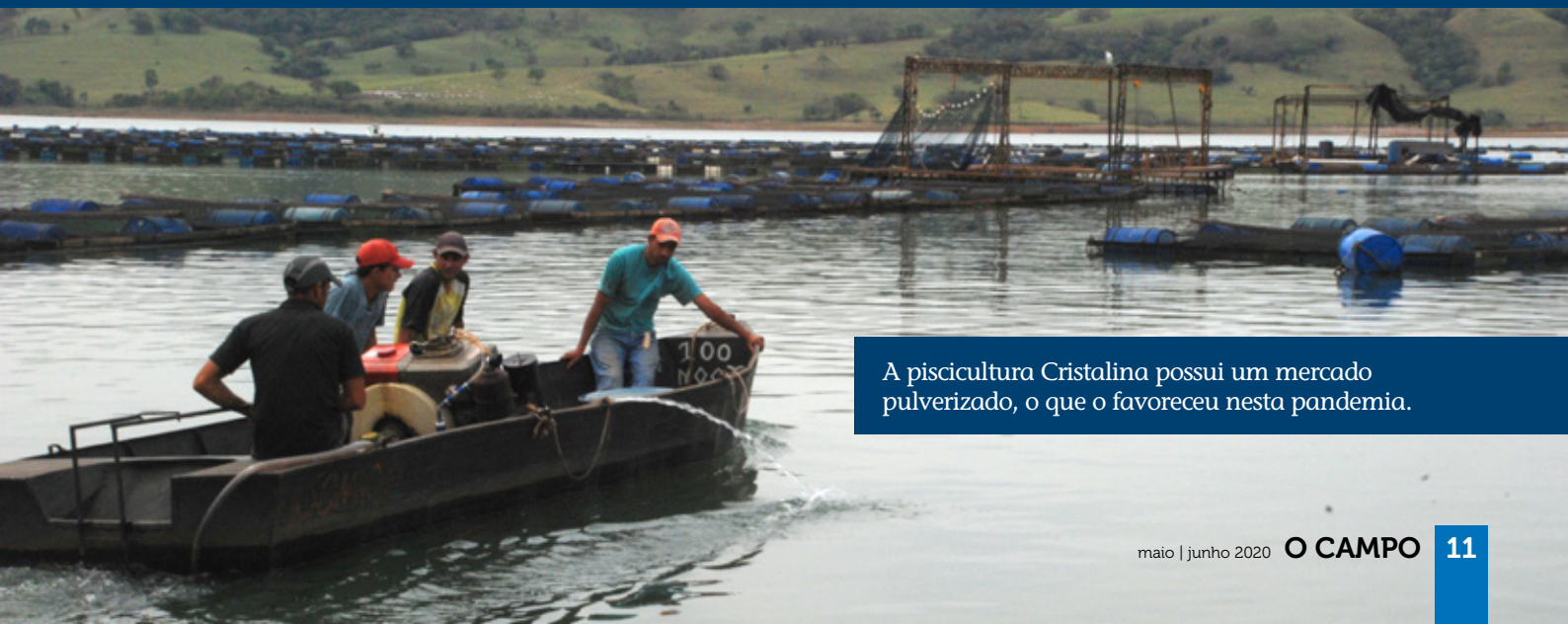
mercados de São Paulo, Campinas, Ribeirão Preto e Sorocaba como principais destinos de sua produção. “Um mercado supriu o outro. Se por um lado as nossas vendas para os restaurantes caíram drasticamente, o consumo do peixe nos supermercados foi muito grande. A primeira semana do isolamento foi uma loucura. Os supermercados passaram a comprar 3x a mais do que compravam anteriormente. Naquela semana que todo mundo foi ao supermercado a gente teve que aumentar a nossa capacidade de produção. Chegamos a limitar a quantidade de quilos por cliente. Vendemos como se fosse uma véspera de Natal. Aí percebemos que realmente o nosso mercado ia para este lado”, comenta Mauro Nakata, proprietário do empreendimento.

O piscicultor explica que possui uma cadeia com 500 clientes cadastrados, os quais são abastecidos de uma a duas vezes na semana. “Nunca tivemos um cliente que consumisse mais do que 15% da nossa produção. Temos isso bem pulverizado. São muitos restaurantes, muitos supermercados, peixarias, hortifrúteis, etc”, afirma. Segundo ele, essa mescla de consumidores atuou favoravelmente ao seu negócio.

Nakata acrescenta que o mercado de peixe possui um leque de muitos empreendedores que atuam no negócio de maneira informal. “O cara pega o peixe, cria, fileta e vende. Já no nosso caso, temos todos os funcionários registrados e pagamos os encargos de todo o processo desde a cria até a comercialização. Com isso, a gente tinha um problema de concorrência desleal. Com a crise no consumo, este tipo de comércio começou a acabar. Por conta das mudanças do formato das feiras, começou a haver um movimento menor neste setor. A gente percebe que a procura pelos formais ficou maior em detrimento à informalidade”, avalia.

Ele comenta que neste mercado há uma guerra de preços, com muitos produtores praticando a venda para pesqueiros e outros comércios sem a emissão de Notas Fiscais. A pandemia trouxe algumas mudanças no cotidiano das pisciculturas. “O tamanho do peixe bom para venda é de 900 gramas a um quilo. Como estava faltando no mercado, o pessoal estava vendendo peixe com até 700 gramas”, cita.

Contudo, destaca que procurou manter o padrão do peixe que comercializa.



A piscicultura Cristalina possui um mercado pulverizado, o que o favoreceu nesta pandemia.



Mauro Nakata afirma que algumas práticas, como a grande quantidade de informais, foi alterada nesta pandemia.

} PERSPECTIVA DE IMPACTO

Nakata comenta que a pandemia resultou no fechamento de muitos estabelecimentos comerciais, de setores variados. “Na região de Fartura há muitas confecções e muitas delas fecharam. Algumas delas, no entanto, perceberam a oportunidade e passaram a fazer as máscaras para a população. As pessoas começaram a comprar de novo, mas a recuperação da economia deve ser lenta. A gente sente que os restaurantes vão demorar um pouco para se equilibrarem no volume de venda. Um restaurante que atendia 500 pessoas num dia, quando voltar a funcionar com espaçamento maior vai atender só 200. Ao mesmo tempo, começou a faltar gás porque todo mundo virou chef de cozinha e o consumo de peixe também aumentou”, avalia.

Ele estima que no período de “pós-pandemia” deva haver falta de dinheiro de forma generalizada. “Teremos um período muito triste. Mesmo que o peixe seja um produto consumido por uma classe um pouco mais alta, o setor da piscicultura também deve. Porém, acho a economia vai ter uma manutenção dos setores, os quais mudarão a sua forma de atuar no mercado. Teremos muitas pessoas fazendo coisas que antes não faziam”, avalia. ■





DÊ UMA
MÃOZINHA
PARA QUEM
MAIS PRECISA.
DOE!

VOCÊ PODE DOAR ALIMENTOS NÃO PERECÍVEIS,
ROUPAS, AGASALHOS, ÁGUA SANITÁRIA, SABONETES,
SABÃO, E MÁSCARAS DE TECIDO

LEVE SUA DOAÇÃO EM QUALQUER UNIDADE DA COOPERMOTA
DE 10/6 ATÉ 10/7. ELAS SERÃO REVERTIDAS PARA O FUNDO SOCIAL
DE SOLIDARIEDADE LOCAL.

somos
coop

Dia
de Cooperar

Coopermota



O AGRO X A PANDEMIA MERCADO DO LEITE Falta de consumo e queda de preço ao produtor

Os produtores relatam a redução de até 20% sobre o litro comercializado junto aos laticínios

Nas escolas, o consumo do leite foi suspenso. Nos restaurantes e pizzarias, a produção dos alimentos em que se utiliza o leite foi cancelada, entre outras suspensões ocasionadas pela quarentena determinada pelo governo do estado de São Paulo. As mudanças ocorreram desde meados de março, em decorrência da disseminação do Covid-19. O consumo, portanto, foi drasticamente reduzido. Em contrapartida, nos retiros de leite, a produção continuou sendo obtida diariamente, dentro da medida do possível. O resultado deste desequilíbrio entre oferta e demanda do produto comercializado foi a queda no preço pago ao produtor. Com menos consumo do leite, os produtores relatam a redução de até 20% sobre o litro comercializado.

O produtor Luiz Fernando de Deus Rezende, do

sítio Casa Branca, em Euclides da Cunha, conta que sua rotina de trabalho não alterou tanto neste período de pandemia. “Nós estamos isolados aqui no sítio e evitamos ir à cidade, mas nosso trabalho continua intenso. O problema é que a comercialização do leite que estamos tirando começou a ficar menos rentável pra gente. Neste período período do ano, a estiagem provoca a queda da produção de leite. Esta retração de produtividade começa a influenciar no preço do litro, que acaba valorizado no mercado. Mas por falta de consumo, agora os laticínios estão pagando pelo menos 20% a menos pelo litro adquirido na propriedade”, diz.

Rezende reclama que a deflação no litro do leite tem sido sentida somente pelo produtor, já que nas gôndolas o preço está mais caro em comparação

com o ano passado. “Para aumentar o preço ao consumidor junta-se a falta de consumo com a especulação do mercado. Porém, para girar a comercialização, o correto seria, neste momento de dificuldade, haver uma medida social, diminuindo o lucro incorporado a este produto. A justificativa dos laticínios para abaixar o valor pago a nós, produtores, é que eles estão estocando o leite mesmo estando sem o consumo ideal”, revela.

Conforme avalia o produtor, a situação fica ainda mais difícil diante da valorização do dólar, o que influencia diretamente no preço dos insumos utilizados na produção do gado de leite. “O adubo que a gente utiliza para manter o pasto fica mais caro, o valor da soja que compõe a ração das vacas também aumenta e os remédios estão subindo. Toda a cadeia de produção está alterada. Para nós, o fator economia está alterando bastante nossa rotina”, lamenta.

No sítio Casa Branca, o negócio do gado de leite é mantido no modo familiar de produção, envolvendo o próprio Luiz Fernando, genro do proprietário José Pedro Rodrigues, e toda a sua família. São cerca de 60 cabeças de vacas da raça Girolando, as quais produzem cerca de 400 litros diários de leite. “Não sei dizer com precisão o tempo que a gente aguenta nesta retração que estamos vivendo. A partir do final de maio a gente terá que começar a tirar da boca da vaca, o que deve impactar na redução de produção. Isso porque entra a seca com mais intensidade, o pasto amadurece e diminui a disponibilidade de pastagem. Com isso, temos que compensar na ração, mas se as condições econômicas não tiverem boas, teremos que avaliar isso. Com menos leite, venderemos menos, teremos menos rentabilidade e assim por diante. Será uma bola de neve”, estima. Ele explica que o pasto onde mantém o gado não é irrigado. No inverno alimenta o rebanho com pasto, complementado com ração e cana.

Embora Rezende também tenha a mandioca e outras culturas como incremento econômico, o leite representa 70% da sua renda familiar. “Embora a gente esteja com esta diminuição no preço do leite, não acredito na perspectiva de despejo do leite por parte dos laticínios. Acredito que isto não está nos planos, mas depende de como será a paralisação da economia”, cita.



O cotidiano no sítio Casa Branca foi mantido, com o retiro diário do leite, mesmo com a pandemia.

} PERSPECTIVAS NACIONAIS

Se a situação de Luiz Fernando aponta para um cenário de incertezas, o mesmo ocorre para a pecuária brasileira de leite de uma forma geral. Conforme o pesquisador Glauco Carvalho, da Embrapa Gado de Leite, “é difícil prever o que irá acontecer, pois não sabemos nem quanto tempo deve durar esse contexto, mas a expectativa é de retração”. A estimativa, segundo ele, é que a retomada da crise seja bastante lenta e que, com certeza, haja sequelas. O posicionamento da Embrapa foi publicado pelo jornalista Rubens Neiva em texto divulgado pela assessoria de imprensa da Embrapa Gado de Leite.

De acordo com dados da Embrapa, o setor acumulava históricos ruins desde 2013, “A produção brasileira andou praticamente de lado nos últimos anos e 2020 iniciou com baixo crescimento devido

à seca na Região Sul do País, com a piora na rentabilidade dos produtores. Começamos agora a entressafra, que prometia melhores ganhos aos produtores, mas toda a cadeia produtiva terá de se ajustar ao novo cenário”, alerta o pesquisador.

Os especialistas aguardam os efeitos do que chamam de “terceira onda” deste período de quarentena. Conforme Carvalho, este efeito pode impactar a economia do setor e resultar em redução na quantidade de produtores atuantes na pecuária leiteira, devido a uma reorganização da cadeia. Com as dificuldades econômicas, os laticínios mais estabilizados financeiramente podem absorver os de menor porte. “Isso já vem ocorrendo de forma natural nas últimas décadas, mas a estimativa é que esta tendência deva se intensificar”. ■



Nestes meses, normalmente a seca pode provocar a queda de produção do leite em alguns retilos e influenciar no aumento do litro. A situação agora está inversa.

○ AGRO X A PANDEMIA

MERCADO DA MANDIOCA

Retardar a colheita para fugir do preço em queda

Quem está conseguindo vender alguma coisa hoje é porque comercializa a farinha de mandioca

A pandemia do Covid-19 resultou em feiras livres com considerável redução de consumidores, diante da determinação para que não houvesse aglomeração de pessoas durante o período de pico de circulação do vírus. Em Santo Antônio do Caiuá, cidade paranaense próxima a Teodoro Sampaio, essa diminuição de clientes ativos, entre outros fatores, trouxe alguns problemas a produtores rurais e, em especial, do setor de mandioca. Ronane Regis Petri Rezende, comenta que 90% da mandioca que produz é vendida em feiras livres. Os desdobramentos sanitários e econômicos, no entanto, afastou os compradores das feiras e reduziu o preço da raiz em cerca de 40%. “Quem está conseguindo vender

alguma coisa hoje é porque comercializa a farinha de mandioca”, diz.

O trabalho no campo não pode parar, mesmo com o isolamento social que vem sendo seguido pelos cidadãos em todo o estado. Entretanto, com a queda de preço da mandioca, Ronane afirma que está retardando a colheita para esperar uma recuperação do mercado. Enquanto isso, explica que vem buscando renda em outras fontes do seu negócio. “Por enquanto estou segurando o consumo e as contas. A gente vende um gado, negocia as dívidas de financiamento que temos com os banco e cooperativas até esperar um momento mais favorável”, cita.

Como medida para tentar reduzir os efeitos

econômicos desta pandemia, o produtor conta que já dispensou os tratoristas e outros trabalhadores terceirizados. “Estou com quatro funcionários registrados, mas estou estudando as opções dos planos trabalhistas que o governo lançou para tentar reduzir nossos prejuízos”, acrescenta. O problema, segundo o produtor, é ainda maior por conta da elevação dos custos de insumos, a exemplo do que vem sendo sentido por outros setores da agricultura.

Enquanto as comercializações estão suspensas à espera de uma possível recuperação de preços da mandioca, o agricultor afirma que tem aproveitado o momento para deixar as suas máquinas em dia, com pequenos consertos e revisões. “Estimo que a situação começará a ficar muito preocupante se continuarmos nesta situação para além do mês de

maio. A agricultura está perdendo dinheiro. O pessoal do algodão está com muitos problemas porque o dólar subiu e eles não conseguem vender a produção”, cita.

Além dos impactos nas culturas do leite e da mandioca, mantidos pelo agricultor, a outra atividade que ele também exerce está totalmente interrompida. Ronane Rezende mantém uma pousada às margens do Paranapanema, denominada de Chapelão do Ronaldo. O empreendimento representa 50% de sua renda e está totalmente parado desde o início da quarentena. “Quando as coisas voltarem à normalidade, a clientela vai demorar mais de um ano para retornar. A agricultura volta rápido, mas este setor do entretenimento e gastronomia vai demorar mais para se estabilizar”, conclui.



O produtor conta que está retardando a colheita de mandioca de sua propriedade

} REDUÇÃO DE PLANTIO

As análises do Centro de Estudos Avançados em Economia Aplicada (Cepea Esalq/USP), indicam que a colheita da mandioca, a qual reúne uma grande quantidade de mão-de-obra já sofre impactos devido ao isolamento. “Como as vendas de derivados estão em queda, já há limitação da moagem, por meio de redução nos turnos de trabalho. Em outros casos, as atividades estão 100% suspensas”, indicam os relatórios divulgados pela

instituição.

Com o cenário atual de dificuldades no setor, acrescido à queda dos lucros já evidenciada desde 2019, o Cepea estima uma migração entre culturas por parte dos produtores. “Os preços de outras culturas se mostram mais atrativos, como é o caso dos grãos e do boi gordo. Assim, considerando-se os impactos do coronavírus, deve haver forte diminuição no plantio de mandioca para a temporada 2020/2021”, citam. ■

PERFORMANCE QUE
SÓ O MAIS RESPEITADO
LÍDER EM NUTRIÇÃO
DE SAFRAS DO MUNDO
PODE OFERECER.

MicroEssentials[®]

Exclusivo
Mosaic
Fertilizantes

+3,4
sc/ha*

RESULTADOS COMPROVADOS.
SE É MOSAIC FERTILIZANTES,
FAZ TODA A DIFERENÇA:

10

MAIS DE 10 ANOS DE
PESQUISA E VALIDAÇÃO



QUALIDADE
FÍSICA



MAIOR EFICIÊNCIA
OPERACIONAL

SAIBA MAIS EM WWW.MICROESSENTIALS.COM.BR

[f /NUTRICAODESAFRAS](https://www.facebook.com/NUTRICAODESAFRAS)

[@/NUTRISAFRAS](https://www.instagram.com/NUTRISAFRAS)

CONHEÇA OS OUTROS
PRODUTOS DE PERFORMANCE
DA MOSAIC FERTILIZANTES



Mosaic[®]
Fertilizantes

*MÉDIA DE INCREMENTO DE PRODUTIVIDADE NA CULTURA DA SOJA OBTIDA COM A UTILIZAÇÃO DO PRODUTO MICROESSENTIALS[®] NO BRASIL, NOS ÚLTIMOS TRÊS ANOS (17/18/19).



MILHO DE SEGUNDA SAFRA

Enfezamento pode ser mais severo em lavouras estressadas

Não existe um produto milagroso completamente resistente ao enfezamento, mas se o agricultor realizar ações de manejo de forma correta elas vão minimizar os danos”, diz pesquisador

No dia 03 de março, a região de Cândido Mota registrou chuva com volume de 364 milímetros, conforme dados da estação meteorológica mantida pela Adama e a Coopermota, no Campo de Difusão de Tecnologia da cooperativa. Deste dia em diante, pelo menos até o início de maio, as lavouras de milho de segunda safra desta abrangência permaneceram sem receber qualquer volume de chuva. Se por um lado as lavouras vinham com padrões considerados excelentes em seu período vegetativo de desenvolvimento, ao final do mês de abril as plantas já apresentavam sinais de estresse hídrico. Nestas condições, a suscetibilidade aos danos causados pelo enfezamento aumenta consideravelmente. “É o que estamos vivendo. Estamos com lavouras de milho que apresentam um desenvolvimento excelente,

porém elas estão precisando de água. Se a planta está debilitada ela fica mais sujeita ao problema”, afirma o pesquisador da Embrapa, Walter F. Meirelles, em live veiculada no canal da Embrapa no início de maio e dirigida a produtores, técnicos e comunidade em geral.

Conforme o pesquisador, o milho de segunda safra tem sofrido mais com enfezamento na região de abrangência do Vale Paranapanema porque se trata de uma localidade mais quente, com altas temperaturas entre janeiro, fevereiro e março. “Isso favorece a multiplicação da cigarrinha (*Dalbulus maidis*), inseto vetor do enfezamento. É uma doença que já está generalizada e afeta todas as regiões em que se planta o milho de segunda safra. Ela vem causando preocupação aos agricultores. Não existe

um produto milagroso completamente resistente ao enfezamento, mas se o agricultor realizar ações de manejo de forma correta elas vão minimizar os danos. Se o ambiente é propício, vai surgir alguma infestação”, alerta.

Ele explica que o complexo de enfezamento, seja ele pálido ou vermelho, é uma doença sistêmica, causada pelo molicute, um microrganismo parecido com uma bactéria. “Não é um vírus, não é um fungo e também não é uma bactéria. Desta forma, fungicidas ou bactericidas não o atingem. O enfezamento causa a quebra na produtividade, apresentando espigas médias e chochas ou ainda sem nenhum grão. A quebra vai variar conforme a resistência maior ou menor de cada material em relação à doença”, explica.

Segundo Meirelles, as medidas de controle que podem reduzir os danos do enfezamento estão relacionadas, entre outros fatores, à redução da presença do milho tiguera (guaxo) em meio às

lavouras de soja para a eliminação da chamada ponte verde, que favorece a infestação de pragas entre uma safra e outra; a adesão à integração lavoura-pecuária para um melhor aproveitamento de palhadas e a utilização da rotação de cultura. Além disso, ele destaca a importância do uso de inoculantes para um maior aproveitamento de nutrientes; a implantação de medidas contra pragas que debilitem a planta como o percevejo, por exemplo, e a escolha de bons cultivares, considerando a sua tolerância frente à doença. “Juntando uma boa palhada e um bom inoculante para a nutrição da planta, por exemplo, você pode ter alguns dos fatores que contribuem para que uma possível incidência no milho seja menos danosa. O conjunto de medidas que vem antes do plantio, como a rotação, integração de culturas, a população adequada e época de plantio ideal é a melhor chance que você tem para escapar de danos maiores desta doença”, diz.



O enfezamento foi um problema recorrente na segunda safra de milho de 2019, na região.



} MEDIDAS DE CONTROLE

Ele complementa que o milho tiguera é originado por grãos que caem da colheitadeira, seja por má regulagem da máquina ou por velocidade excessiva na colheita. Cita ainda, que sua presença nas lavouras de soja pode estar ligada a escolha de algum cultivar que tenha um quebramento de planta muito alto. Neste caso, as espigas ficam no campo e germinam na próxima lavoura. “O milho tiguera atrai a cigarrinha (que só ataca o milho e não a soja) e também outros insetos. E o pior ainda é que eles também podem já hospedar a própria doença, transportando o problema de uma safra para outra. Para evitar que isto aconteça, estas plantas devem ser eliminadas, não só da própria lavoura como também das beiras de estrada”, afirma.

Outra medida citada por Meirelles como um bom manejo para reduzir danos do enfezamento é a não utilização de muitas datas de plantio na mesma região. “Várias datas diferentes vão propiciar uma ponte verde e então o inseto pode migrar de uma planta mais velha, para uma lavoura com planta mais nova. Há uma certa preferência deste inseto por plantas mais novas”, diz. Meirelles acrescenta que uma população muito alta por metro quadrado, em situação de estresse de água, também causa uma planta mais debilitada e favorece o enfezamento. Condições de ambiente ou o meio interferem diretamente nessa realidade.

O pesquisador acrescenta que a manutenção de palhada no solo também ajuda a planta a resistir aos danos da doença, caso seja infectada. As lavouras mais estressadas por não ter palha, como consequência da adoção de práticas de cultivos que não considerem a adubação verde e o plantio direto como métodos de plantio mais indicados, provavelmente podem sentir de forma mais severa os efeitos de uma possível picada da cigarrinha contaminada pelo mollicute, causador do Enfezamento. Ele enfatiza que uma planta mais vigorosa, pode até receber a picada do inseto com a doença e, eventualmente, ainda produzir uma espiga de tamanho médio.

Para isso, cita a integração lavoura-pecuária como uma tecnologia de manejo extremamente útil ao produtor, no sentido de incremento à qualidade do solo. “Você obtém uma palhada formada pela braquiária que consegue segurar a umidade e evitar a erosão. Permite também uma boa atividade biológica do solo, o que gera uma boa absorção de nutrientes e o pleno desenvolvimento da planta. Esse vigor faz com que o milho possa, eventualmente, resistir um pouco mais à incidência do enfezamento. Às vezes você tem a doença na planta, mas ela consegue ter uma espiga com produção razoável, em torno de 40% ou 50% sobre a capacidade de uma espiga normal. Não é o ideal, mas é melhor do que uma espiga que tem zero de produção”, complementa.

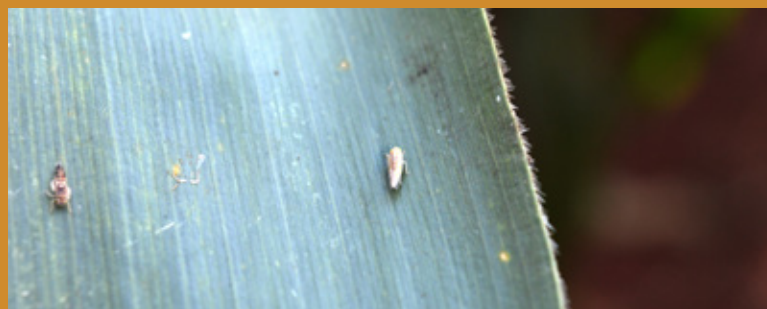
Outro fator de auxílio à resistência da planta sobre a doença é o inoculante. Com ele é possível ampliar o aproveitamento do fósforo que está

retido do solo, mas não disponível à planta. “Não quer dizer que o produto resolve, mas permite um melhor desenvolvimento da planta devido à melhor nutrição oferecida”, afirma.

Quanto à escolha do cultivar, o pesquisador explica que é importante considerar a sua tolerância para o enfezamento e a adaptação do milho para a segunda safra, especificamente. “Eu vi, no oeste do Paraná, um milho em uma situação muito ruim de enfezamento e em outra região o mesmo cultivar praticamente não tinha a doença. Então, ele é tolerante ou não? De repente ele é tolerante, mas um possível erro de manejo tenha feito com que o enfezamento aumentasse de incidência”, avalia.

É preciso prezar por uma boa palhada, agir de forma a haver menos compactação no solo e estar atento ao plantio para que haja uma população ideal de plantas. Na região do Vale Parapanema, o convencional é que se cultive três exemplares por metro linear, a uma distância de 45 centímetros entre linhas. Se naquele plantio deveria ter 3 plantas e a plantadeira, por qualquer erro de regulagem, tiver 5 plantas vai ter grande competição entre uma e outra. Essa situação pode favorecer uma incidência alta de enfezamento. Um mesmo cultivar pode variar no que se refere à tolerância ao enfezamento e, em uma situação ideal de ambiente, apresentar menos perdas.

O enfezamento não é uma doença nova e circula pelo território brasileiro há muito tempo. Contudo, pesquisadores e produtores rurais buscam mecanismos que permitam a convivência com ela, de maneira menos danosa possível. Os estudos atuais registram a incidência desta doença apenas entre plantas de milho. “Não se tem conhecimento de outras plantas que também sejam hospedeiras da doença. Já o inseto pode estar presente em outras espécies de gramíneas e até de não-gramíneas”, cita Meirelles. Ele comenta que já existem diversas publicações com análises sobre a incidência e a severidade do enfezamento frente a diferentes cultivares. Contudo, ele enfatiza que estas avaliações são bastante dinâmicas e precisam ser reavaliadas anualmente. “Para a cigarrinha *Dalbulus maidis* existem três empresas com diferentes inseticidas registrados junto ao Ministério da Agricultura para o seu controle. É importante destacar que nem todo inseticida para milho será útil para o controle da cigarrinha. Às vezes pode ter um tratamento de semente bom para outras pragas, mas ineficientes para a cigarrinha”, diz.



A cigarrinha *Dalbulus Maidis* é o vetor de transmissão do enfezamento

} CARACTERÍSTICAS DA DOENÇA

Conforme o pesquisador da Embrapa, um dos fenômenos mais característicos do enfezamento é o multiespigamento, com proliferação de várias espigas em uma mesma gema. Nesta situação não há a formação de grãos porque não há uma espiga principal. “O multiespigamento é comum em várias cultivares e quanto maior a incidência de estresse na planta, maior é a possibilidade de situações como esta. Nestes casos, a produção de grãos é zero, mesmo que a planta tenha ganhado estatura e vigor”, comenta.

} ENFEZAMENTO PÁLIDO (*ESPIROPLASMA KINKELII*)

Estrias esbranquiçadas ao longo da base até o ápice da folha e encurtamento de internódios, gerando, muitas vezes, espigas pequenas. Em plantas com o ciclo mais adiantado, pode se observar folhas totalmente necrosadas, o que representa uma morte precoce do milho. Comparada com as demais plantas que ainda estão verdes, aquela que está com o enfezamento se porta como uma planta em situação totalmente atípica. Pode possuir uma espiga pequena ou ausência total de espigas.

De uma vista aérea, percebe-se folhas amareladas, folhas roxeadas e até necrosadas. É possível haver plantas com internódios bastante curtos, sem a produção de nenhuma espiga. As lesões esbranquiçadas, ou as faixas cloróticas, normalmente se estendem da base até o ápice da folha.

} ENFEZAMENTO VERMELHO (*MAIZE BUSHY STUNT PHYTOPLASMA* *MBS FITOPLASMA*):

(No passado, os dois enfezamentos também eram conhecidos generalizadamente como Corn Stunt. Isso porque tem plantas que podem ter os dois sintomas juntos, tanto o pálido quanto o vermelho, e os dois podem se misturar).

No enfezamento vermelho se vê folhas e talo roxeados. Pode afetar plantas com estatura normal, com bom vigor, mas acaba sem espigamento. Até há a produção de várias espigas, porém estas não possuem grãos. O mollicute transmitido pela Cigarrinha causa um distúrbio na planta e, mesmo que ela cresça, ela não será uma planta normal. Geralmente elas possuem um internódio curto, com plantas mais baixas. ■

Tenha controle além do campo de visão

Aplique no início ou perca no final



Spider® 840 WG

HERBICIDA

Escolha o melhor pré-emergente. Proteja a sua soja contra a matocompetição desde o início e mantenha a lavoura no limpo por mais tempo.

SOJA LIMPA POR MAIS TEMPO? SPIDER® 840 WG.

- Controla o banco de sementes de plantas daninhas como **buva** e **capim-amargoso**
- Pré-emergente que melhor passa a palhada
- Maior espectro de controle do mercado
- Pode reduzir uma aplicação de glifosato
- Permite aplicação em período seco
- Sem restrição para plantio de trigo e milho safrinha após a soja

ATENÇÃO ESTE PRODUTO É PERIGOSO À SAÚDE HUMANA, ANIMAL E AO MEIO AMBIENTE; USO AGRÍCOLA; VENDA SOB RECEITUÁRIO AGRÔNOMICO; CONSULTE SEMPRE UM AGRÔNOMO; INFORME-SE E REALIZE O MANEJO INTEGRADO DE PRAGAS; DESCARTE CORRETAMENTE AS EMBALAGENS E OS RESTOS DOS PRODUTOS; LEIA ATENTAMENTE E SIGA AS INSTRUÇÕES CONTIDAS NO RÓTULO, NA BULA E NA RECEITA; E UTILIZE OS EQUIPAMENTOS DE PROTEÇÃO INDIVIDUAL.

Com Vessarya[®],
você não mancha
sua produtividade



Vessarya[®]

Onmira™ active

FUNGICIDA

O fungicida **Vessarya[®]**, em uma solução combinada de Benzovindiflupir com Onmira™ active (Picoxistrobina), protege sua lavoura da mancha-alvo, Cercospora, ferrugem asiática e outras doenças, dispensa o uso de adjuvante e oferece ótima performance e proteção estendida.

- 💧 Mais eficiência contra mancha-alvo, Cercospora, ferrugem asiática e outras doenças
- 💧 Alto poder de translocação
- 💧 Ação sistêmica
- 💧 Maior facilidade: não necessita adjuvante

Onmira™ active (Picoxistrobina) é o principal ingrediente ativo da linha de Fungicidas da Corteva. Traz alta tecnologia, visivelmente mais proteção e melhores resultados para sua lavoura.

VESSARYA[®]. TECNOLOGIA E PERFORMANCE INCOMPARÁVEIS.

O aumento da produtividade e rentabilidade foi observado em campos experimentais, onde foram utilizados os produtos, seguindo corretamente as informações de dosagem e aplicação. O aumento de produtividade e rentabilidade depende também de outros fatores, como condições de clima, solo, manejo, estabilidade do mercado, entre outros.

ATENÇÃO ESTE PRODUTO É PERIGOSO À SAÚDE HUMANA, ANIMAL E AO MEIO AMBIENTE; USO AGRÍCOLA; VENDA SOB RECEITUÁRIO AGRÔNOMICO; CONSULTE SEMPRE UM AGRÔNOMO; INFORME-SE E REALIZE O MANEJO INTEGRADO DE PRAGAS; DESCARTE CORRETAMENTE AS EMBALAGENS E OS RESTOS DOS PRODUTOS; LEIA ATENTAMENTE E SIGA AS INSTRUÇÕES CONTIDAS NO RÓTULO, NA BULA E NA RECEITA; E UTILIZE OS EQUIPAMENTOS DE PROTEÇÃO INDIVIDUAL.



LAÇO INDIVIDUAL MASTER Performance premiada por mais de 10 vezes no mesmo ano

O ano de 2019 foi realmente especial para Alexandre da Silva Sampaio. “Este ano eu ganhei 12 competições”, comemora.

O cenário é arena do 42º Campeonato Nacional de Quarto de Milha, realizado em Araçatuba, em 2019. Agora é a vez da disputa da final na categoria Laço Individual – Amador Master B. Tudo pronto e o brete está vazio, à espera do próximo competidor. No sistema de som, o locutor cria a expectativa para a sua entrada:

- “E vem agora, vem agora, vem agora, a úúúltima da final!!!!!!”, exclama.

Ele então se aproxima calmamente do ponto de partida para a sua competição. Prepara a rédea e posiciona o cavalo. O locutor continua:

- “Obrigado ao público que nos prestigia. Vamos agora para a última. Alexandre Silva Sampaio.

Freckles San Rufas é o seu cavalo. Ele precisa de 15,62 para escutar a canção de campeão”, enfatiza.

Freckles dá demonstrações de que já está pronto, ansioso para sair à arena, com pequenos movimentos no próprio lugar onde está parado:

- “E vem ele, Alexandre Sampaio. Auuutoriiizooou!”, anuncia.

Alexandre e seu cavalo entram na arena em disparada para alcançar o bezerro que também é solto na pista:

- “Está na sua mão. É agora!!!”, destaca o locutor que empolga aqueles que estão na torcida pela vitória de Alexandre.

Com o cavalo já em movimento, o laço é girado sob



Algumas das premiações que Alexandre ganhou em 2019

a sua cabeça por uma, duas, três, quatro vezes, até que finalmente alcança o pescoço do bezerro:

- "Ele desce com a agilidade e fecha com chave de ouro!!", enfatiza o locutor.

Em segundos, Alexandre completa a exigência de imobilizar o bezerro. Amarra três pernas do garrote e a prova está concluída:

- "Alexandre Sampaio!!! Quem gostou pode aplaudir!!", comemora.

De volta sob seu animal, ele agradece o companheiro pela bela prova desempenhada com leves palmadas em seu dorso. São alguns minutos de espera até o momento em que o locutor divulga o tempo gasto por Alexandre para cumprir todos os requisitos da competição. Mesmo

sabendo que fez uma boa prova, a ansiedade toma conta até ouvir a palavra final do locutor. Enquanto isso, recolhe o laço e acompanha a narração atentamente:

- "Eu já estou com a voz um pouco cansada. Vocês me ajudem. Araçatuba parou!!", empolga-se.

Sabendo que teria feito um bom trabalho, Alexandre já comemora o resultado jogando o seu chapéu para a arquibancada que o acompanha:

- "10,54 é o tempo. 11,57 a média. Ele é o líder!!!! Show, Alexandre Sampaio!!!", conclui.

Sampaio alcançou a melhor média entre os competidores para cumprir a prova do laço individual, o qual consiste em laçar um bezerro



Alexandre conseguiu ótimos resultados no laço individual amador

em movimento, descer do cavalo rapidamente e correr até o animal capturado para derrubá-lo e amarrar três, dos seus quatro membros, dentro do menor tempo possível.

O ano de 2019 foi realmente especial para Alexandre da Silva Sampaio, tendo sido campeão em várias competições que participou. Além deste campeonato nacional, com a narração descrita acima, também foi campeão das categorias “Laço individual Amador Master B” e “Master B Castrado”, do 29º Congresso Brasileiro da categoria, entre vários outros eventos. “Este ano eu ganhei 12 competições”, comemora.

A participação em provas de laço individual na categoria de amador é um hobby do pecuarista Alexandre Sampaio, cooperado da Coopermota e com propriedades rurais em Rancharia. Além de participar das competições, ele também é responsável pelo gerenciamento da sua propriedade e também a de seu pai. A fazenda foi dividida pelo patriarca entre os irmãos, porém Alexandre mantém o cuidado da sua parte e também a do pai, que se aposentou e delegou a administração da sua área ao filho. “Meu pai tem 82 anos e viaja para todo lado. Cada filho toca a sua parte de forma independente, porém eu toco a parte do pai e a minha. Raramente ele vem aqui. Meu pai ralou muito antes de se aposentar e agora o descanso é merecido. A pecuária é um ramo difícil de mexer”, afirma.

Embora seja um hobby do pecuarista, a dedicação extra ao seu próprio preparo físico e também ao do

cavalo é bastante intensa. Além disso, também há o tempo gasto com o preparo da pista de treinos e outros requisitos para que os resultados nas competições sejam alcançados. Tudo realizado com muito cuidado por Alexandre e toda a equipe que o acompanha na fazenda.

Na academia, o treinamento de performance exige que Alexandre faça movimentos que simulam a atividade realizada na competição. Um elástico tenciona o seu deslocamento em um trecho de aproximadamente cinco metros. O objetivo é melhorar o seu arranque no momento de descida do cavalo até o bezerro. Na sequência, faz movimentos repetitivos de levantamento de um saco de pancada, utilizado no boxe que, desta vez, está repousado sobre duas barras de ferro paralelas. Com a perna direita e os dois braços, ele o impulsiona para cima, como se tivesse realizando o movimento de queda do bezerro. Tudo isso para que o tempo gasto em descer do cavalo, derrubar e amarrar o bezerro seja o menor possível, o que vem sendo realizado conforme planejado por ele. Alexandre possui mais de 50 anos e vem demonstrando uma performance física bastante elogiada.

Como competidor amador, não é permitido que ele mesmo seja o treinador de seu cavalo. Ele também não pode participar de treinamentos de nenhum outro animal. “Conforme as regras da ABQM, se eu passar a treinar meus animais eu passo para a categoria de profissional, o que não é de meu interesse”, explica. ■



O cooperado Alexandre, recebe assistência técnica de Luiz Dorini Neto (Rancharia), e suporte de Renato Manzano Martins (sede)



S.P.A SAÚDE

Agora é a hora de ter um plano de saúde

Se ter plano de saúde sempre foi uma segurança, neste momento de pandemia é ainda mais importante. A Campanha Carência Reduzida do S.P.A. Saúde continua vigorando para beneficiar mais de produtores rurais e suas famílias. Inscrição pronta, atendimento imediato.

E Diante do crescimento do contágio pelo coronavírus, a procura por planos de saúde cresceu de forma significativa em todo o país. Com a pandemia, aqueles que não possuíam plano passaram a buscar o benefício e o crescimento foi muito superior aos índices de anos anteriores no mesmo período.

Muitas pessoas têm procurado se filiar ao S.P.A. Saúde. No entanto, o plano é exclusivo para produtores rurais e seus familiares e não tem como atender outras categorias profissionais. Trata-se de um benefício exclusivo aos nossos associados que oferece mais de 1.700 recursos entre hospitais,

prontos-socorros, clínicas, maternidades, laboratórios e demais serviços de saúde nas cidades do interior e capitais de Minas Gerais e São Paulo.

Fique atento para a oportunidade da campanha Carência Reduzida, já que em todos os planos são previstos períodos específicos para o início do atendimento. Pela campanha, consultas, exames e tratamentos simples e especiais podem ser feitos de imediato quando a inscrição estiver concluída, ou seja, entregue toda documentação e com a primeira mensalidade paga.



} CARÊNCIA REDUZIDA

Todos os planos de saúde preveem prazos para atendimento. Pela campanha, que tem prazo limitado, todos os beneficiários que estiverem com a inscrição concluída estarão liberados para realizar consultas médicas, exames laboratoriais, tratamentos e terapias, sem precisar aguardar o prazo exigido nos regulamentos dos planos. Para isso, a inscrição precisa estar concluída (entregue toda documentação e com a primeira mensalidade paga).

} PROTEÇÃO PARA TODA FAMÍLIA

O produtor rural ligado a uma das filiadas do S.P.A. Saúde é o titular do plano e pode inscrever todos os seus familiares: Esposa ou companheira, esposo ou companheiro, filhos naturais ou adotivos, menor sob guarda, pai, mãe, irmãos, avós, bisavós, trisavós, netos, bisnetos, trinotos, sobrinhos, tios, primos, enteados, padrasto, madrastra, sogros, genros, noras, cunhados, dependentes incapazes que o titular seja tutor ou curador.

} PRAZOS DE UTILIZAÇÃO DE RECURSOS ATUAIS NA CARÊNCIA REDUZIDA

	PRAZO NORMAL	CARÊNCIA REDUZIDA
Exames e tratamentos especiais	180 dias	Imediato
Consultas	60 dias	Imediato
Exames e tratamentos simples	60 dias	Imediato

* A campanha Carência Reduzida não se aplica às internações, parto a termo, quimioterapias, radio-terapias, hemodálises e outros procedimentos que devem observar as carências previstas nos regulamentos dos planos. Informe-se na Coopermota mais próxima de você.

S.P.A. SAÚDE

PROTEÇÃO DURANTE E DEPOIS DO CORONAVIRUS

CENTENAS DE MÁSCARAS FORAM DISTRIBUÍDAS
AOS BENEFICIÁRIOS S.P.A. SAÚDE/COOPERMOTA

SEJA VOCÊ TAMBÉM MAIS UM DE NOSSOS BENEFICIÁRIOS



O Plano de Saúde do Produtor Rural



COTA-PARTE É DISTRIBUÍDA AOS COOPERADOS

Em uma situação adaptada diante da epidemia, a Coopermota entregou, individualmente os cheques referentes à cota-parte dos cooperados com direito ao resgate.

É a Coopermota valorizando aquele que confia na cooperativa



NOSSA RECEITA

JÁ PREPAROU O SEU JANTAR DE HOJE? APROVEITE AS RECEITAS QUE A CANDÚ TROUXE PARA VOCÊ.

MOQUECA DE TILÁPIA CANDÚ

Ingredientes

5 filés de Tilápia Candú
100g de camarão cinza
5 dentes de alho picados
200g de cebola pãra
200g de tomate débora
800 ml de leite de coco
300 ml de azeite de dendê
200g de pimentão vermelho
200g de pimentão verde
Pimenta de cheiro (bode) a gosto
150 ml de azeite de oliva comum
Coentro fresco
Sal a gosto

Preparo

- 1 - Tempere os filés de tilápia Candú e o camarão com sal, coentro e o alho picado. Reserve.
- 2 - Corte o tomate, a cebola e os pimentões em rodela.
- 3 - Numa panela de barro distribua o azeite de oliva.
- 4 - Arrume em camadas, alternando os vegetais com o peixe, finalizando com o leite de coco e o azeite de dendê.
- 5 - Leve ao fogo alto até a panela ferver.
- 6 - Abaixee o fogo, tampe a panela e cozinhe até que o peixe esteja macio ao toque do garfo.
- 7 - Acrescente a pimenta de cheiro picada e acerte os temperos.

Receita enviada pela equipe da Piscicultura Cristalina - Fartura/SP

Envie também a sua receita com filés de Tilápia. Escreva para ocampo@coopermota.com.br ou nos contate pelo WhatsApp (18) 9 9163 0985



candú

ALIMENTOS
QUALIDADE
COOPERMOTA



O MELHOR PEIXE CONGELADO

E NÃO É CONVERSA DE PESCADOR



candú

ALIMENTOS
QUALIDADE
COOPERMOTA



MULHERES DO AGRO

Seus exemplos e trajetórias se destacam no campo

Pesquisa revela que 33% dos cargos de gerência nas fazendas são ocupados por mulheres

Elas são responsáveis por definir as atividades do campo. Decidem condutas e manejos, planejam investimentos, atuam na execução das atividades, coordenam equipes e escolhem o que gostam de fazer. Essa é a realidade de muitas mulheres que atuam na área de abrangência da Coopermota, enquanto outras se portam como parceiras dos agricultores que tomam conta direta dos negócios. De acordo com pesquisas divulgadas pela Associação Brasileira de Marketing Rural e Agronegócio (ABMRA), 1/3 dos cargos de gerência nas fazendas são ocupados por mulheres.

Por todos estes motivos, as mulheres já têm espaço garantido na programação da Coopershow 2021.

Entre as atividades programadas está o Circuito Coopershow Mulheres no Agro, o qual fará parte das inúmeras ações pensadas com atenção à valorização da mulher durante o evento.

Com a proposta de saber mais das mulheres que atuam na região de abrangência da cooperativa e vê-las retratadas em veículos de comunicação que mantenham suas histórias registradas, a Coopermota fechou parceria com a Revista Agrícola para a realização do Circuito. A atividade é uma extensão do projeto "Rally Mulheres do Agro" já desenvolvido pela revista e que agora conta com o apoio da cooperativa para mais esta iniciativa. Conforme os idealizadores e apoiadores do projeto, a a Coopermota passou a



O projeto da Revista Agrícola recebe apoio da revista O Campo, da Coopermota

incentivar a realização do Circuito porque enxerga a relevância feminina para o avanço inovador, rentável, sustentável e ético do agronegócio.

O diretor geral da Revista Agrícola, Marcelo Souza, explica que o circuito vai entrevistar diversas produtoras rurais que atuam na área de abrangência da Coopermota. As entrevistadas serão selecionadas através dos critérios do projeto, os quais serão divulgados posteriormente, e receberão o troféu “Mulheres do Agro”, como parte das atividades da 15ª Edição da Coopershow, que será realizada em janeiro de 2021. “Além de valorizar a atuação feminina no agro, o projeto também servirá para dar ampla divulgação ao trabalho da Coopermota, que vem expandindo gradativamente suas atividades. Nos últimos anos temos acompanhado este crescimento,

com inaugurações de novas unidades e novas linhas de atuação”, destaca Souza.

Segundo a responsável pelo setor de comunicação da cooperativa, Vanessa Zandonade, o projeto foi considerado importante pela cooperativa, pois se propõe a registrar e valorizar mulheres do setor, para uma troca de ideias e experiências, sempre com foco no papel da mulher no agronegócio brasileiro. “Em nosso meio há muitas mulheres que desempenham papel de grande relevância para a agricultura e precisam ser retratadas e colocadas em evidência para que mais pessoas conheçam o que elas fazem”, afirma.

Escreva para ocampo@coopermota.com.br e conte-nos a sua história. Saiba mais sobre os eventos da Coopermota voltados às mulheres. ■



O Plano de Saúde do Produtor Rural

NUNCA FOI TÃO
IMPORTANTE
TER UM PLANO
DE SAÚDE

Não espere a
doença chegar!
Proteja já sua família.

Na campanha
CARÊNCIA REDUZIDA,
inscrição feita,
atendimento imediato.

Informe-se com a gente!
A campanha tem prazo limitado.

 **Coopermota**

 (18) **3341-9410**

www.spasaude.org.br

ANS - N° 324493

**CARÊNCIA
REDUZIDA**



CHEGOU A NUTRIÇÃO IDEAL PARA SUA PRODUÇÃO COM SELO DE QUALIDADE COOPERMOTA

Disponível para: Bovinos Corte, Bovinos Leite, Ovinos e Equinos

Equilíbrio nutricional com

- +Desempenho
- +Performance
- +Força

SUPLEMENTO ANIMAL COMPLETO





Coopermota 
SUPRE
SUPLEMENTO MINERAL ANIMAL



Coopermota 
SUPRE

PESO LÍQ.
25 kg



COOPERATIVAS E CULTURA

Samba para curtir o niver da cidade

A atração foi viabilizada em Paraguaçu Paulista, por meio das cooperativas Coopermota, Sicoob Credimota e Unimed Assis, além da prefeitura.

... “Do lado direito da rua direita, olhando as vitrines coloridas eu a vi. Mas quando quis me aproximar de ti não tive tempo e num movimento imenso na rua eu lhe perdi...”. Do alto do palco situado próximo à Unidade de Negócios da Coopermota de Paraguaçu Paulista, na Praça da Fonte Luminosa, vinham as melodias de músicas como as do trecho acima mencionado, intitulada “Do lado direito da rua direita”, do grupo Originais do Samba. Outros protagonistas da música brasileira, como Antônio Carlos e Jocaí, Clara Nunes, Moreira da Silva, Luiz Melodia, entre várias outras personalidades do samba estiveram no repertório do grupo Tamanco Malandro. O evento fez parte da programação do

Circuito SESCOOP de Cultura, com shows em todo o estado, e se configurou como o pontapé inicial das comemorações do aniversário da cidade, tendo ainda outros quatro dias de atrações culturais. A atração foi viabilizada em Paraguaçu por meio das cooperativas Coopermota, Sicoob Credimota e Unimed Assis, além da prefeitura.

O suíngue das músicas reuniu o público por quase duas horas em frente ao palco, não faltando ocasiões de balanço entre aqueles que acompanhavam o show. Enquanto um casal demonstrava elegância e leveza para a dança, em uma marcação de pés que mais se aproximava da gafeira, outros jovens requebravam os quadris em danças individuais que

acompanhavam as músicas cantadas pelo grupo.

Pelo menos 500 pessoas assistiram ao show do Tamanco Malandro, grupo de Ribeirão Preto que interpreta sambas tradicionais, sambas-enredo, samba-rock, entre outros estilos do gênero. Em sua formação estão Dimi Zunquê (voz e violão), Caio Melo (cavaco), Erick Souza (pandeiro e vocal), Ricardo Beloti (surdo e vocal) e Tales Gonzales (trombone). No momento de apresentação do grupo também era realizado o Festival de Food Trucks, na Fonte Luminosa, com diversos tipos de comidas, entre massas, crepes, lanches e outros.

Na apresentação, o grupo mesclou músicas mais conhecidas do público, com canções mais tradicionais, trazendo um repertório bastante variado. Em um clima de descontração, os integrantes do Tamanco Malandro animavam aqueles que os acompanhavam à rua Miguel Deliberador. Após encerrar o show eles foram “intimidados” ao som de “tê-tê-tê-tê-tê-tê-tê” a voltar ao palco. Dimi retomou o violão e o grupo interpretou Taj-Mahal e algumas outras músicas de Jor Ben Jor, para delírio da plateia.



O público acompanhou a apresentação do grupo na praça da Fonte Luminosa, em Paraguaçu Paulista

} CIRCUITO SESCOOP DE CULTURA

O Circuito Sescoop de Cultura é um programa do sistema S das cooperativas, o Sescoop (Serviço Nacional de Aprendizagem do Cooperativismo). Anualmente as cooperativas do estado de São Paulo encaminham valores equivalentes à sua rentabilidade para este fundo, voltado à produção de cultura, educação, valorização do ambiente, além de ações sociais. A realização de espetáculos pelo estado já ocorre há cerca de 15 anos, abrangendo as mais variadas linguagens artísticas.

O Circuito Sescoop/SP de Cultura tem a proposta de diversificar a programação e agradar os públicos mais variados, com opções de teatro, música, dança e cinema, entre outras atrações, sendo resultado da profissionalização e da experiência adquiridas por meio dos antigos programas que o antecederam: Mosaico Teatral, Mosaico na Estrada e Mosaico Jovem, entre outros.

“Quem já conhece a tradição e o sucesso dessas iniciativas vai testemunhar um novo momento, com importante salto de qualidade e mais variedade de atrações culturais. Para quem nunca participou dessas ações, chegou a hora de vivenciar o cooperativismo e o seu compromisso com a comunidade, por meio da democratização do acesso à cultura e à arte nos quatro cantos do Estado”, anunciam membros do Sescoop por meio de sua divulgação.

Obs: evento realizado antes da pandemia do Covid-19



Eleandro Linaldi (coopermota), Marcos Antônio de Almeida (Sicoob Credimota), Dimi Zunquê (Tamanco Malandro) e Silvia Rodrigues (Sescoop/SP).



O grupo animou o público com sambas variados

ASSEMBLEIA GERAL Coopermota ORDINÁRIA



Evento realizado
com total cuidado e segurança

Conselho administrativo
eleito tem mandato até 2022



Conselho fiscal
cumprirá um ano de mandato



OBS: EVENTO REALIZADO NO INÍCIO DO PERÍODO DE QUARENTENA,
COM TODOS OS CUIDADOS NECESSÁRIOS PARA GARANTIR A SEGURANÇA DOS ASSOCIADOS

ADAMA

Azimut®

Complexas são as doenças.
Simplesmente Azimut.



Quando as doenças são muitas,
a solução precisa ser única.



Monitore sua lavoura de forma eficiente e em busca de melhores resultados.



Granular
Insights

Vá além da
intuição.

O Granular Insights une tecnologia própria com ciência de dados para direcionar o monitoramento dos talhões e extrair informações mais precisas para o seu negócio.



Priorização automática de talhões, para agilizar a tomada de decisões.



Índice de vegetação mais preciso (WDRVI), com imagens de pixel de 3m.



Compartilhamento de resultados com equipe e parceiros.



Saiba mais:

sales-br@granular.ag
(11) 97146-1503

br.granular.ag



também porque havia pouca segurança. Refizemos tudo. Trocamos hardware, o sistema operacional e outros. Mas foi a longo tempo. Levou anos para melhorarmos”, lembra.

Outra forma de atuação destacada por Del Grande durante a sua gestão na Coopermota era a unidade mantida entre os diretores. “Apesar de ser eu o presidente, na verdade esta função era exercida por mim, o Oscar e o Didi. Leve um período que era eu o Renato e o Paxá também. Então, para nós não existir a figura do presidente, ela existia institucionalmente, para os bancos, para os cooperados, mas aqui internamente não existia esta classificação. Tanto é que as decisões eram tomadas somente quando existia unanimidade entre os três gestores. Então por exemplo, se o Paxá não concordava com a medida a ser implantada, a gente protejava para o outro dia, quando nos reuníamos de novo.inha que ser sempre por unanimidade. Desta maneira a gente evitava o erro e trazia companheirismo no processo. Quando a gente saía para uma reunião ou para uma assembleia geral, o conselho estava junto, estava unido e já saía falando da decisão para os cooperados nas reuniões de bairro. Então, nas assembleias eles não vinham para brigar, vinham para contribuir. Isso foi muito bacana, foi muito bonito e culminou, inclusive, na colocação de dinheiro aqui dentro. O cooperado colocou dinheiro. Despertou o orgulho de ser cooperado entre aqueles que ajudaram nesta recuperação. Cerrou o sentimento de pertencimento da cooperativa, pelo menos entre os cooperados mais velhos. Espere que os mais novos venham e tenham este mesmo sentimento. Nós passamos muitas dificuldades”, argumenta.

Com sua saída da presidência para assumir um cargo na Oesp, Oscar assumiu o seu cargo. Na sequência foi eleito o presidente Edson Valmir Fadel, o Branco, que também conta com a participação do Hélio Gozzi e o Sandro Amadeu nas superintendências financeira e comercial, respectivamente. “Os dois são profissionais de primeira linha, dos quais eu tenho a honra de ter participado da contratação deles. Já não estava mais aqui, mas eu articulei a vinda deles. E, para somar às gestões que se seguiram vêm todos os colaboradores que estão fazendo um trabalho excelente. Estão fazendo uma cooperativa diferente, pujante e que dificilmente vai passar pelo que nos passamos lá trás. Hoje é uma cooperativa que tem uma estrutura sólida para crescer e apoiar o agricultor. Isso me deixa contente, alegre e orgulhoso. Sempre falei que a nossa cooperativa é muito boa e sem ela eu não sei o que eu faria. Pode ter um monte de outras cooperativas por aí, mas a cooperativa que tenha comprometimento com a sociedade onde ela está instalada é a Coopermota. As outras cooperativas que estão por aqui são agentes de negócios. A Coopermota tem 60 anos e são 60 anos de luta pelo agricultor. Certo ou errado, bem ou mal, com erros e acertos, tudo bem. Mas ela estava sempre aqui apoiando o agricultor. Então a gente tem que cuidar muito bem dela”, conclui. ■

45 O CAMPO

Maquinas utilizadas no periodo de implantação do sistema Coopereate



Edivaldo Del Grande e Renato Nóbile



Depois que a nova diretoria assumiu o cargo, Del Grande lembra que foi realizado um trabalho muito árduo, na tentativa de melhorar a situação da cooperativa. "A gente saía na esquina e encontrava com os agricultores que falavam que a cooperativa ia quebrar na semana seguinte. A gente tentava desfazer isso, dizendo que a gente tinha que trabalhar juntos, mas a dificuldade realmente estava evidente. Entretanto, muitos problemas. Foram tomadas atitudes que nem sempre gostamos de tomar. Fizemos um corte grande de funcionários", comenta. De acordo com o ex-presidente, o planejamento elaborado previa que seriam dispensados os colaboradores que tinham condições de se sustentarem, depois aqueles que eram sócios e que não tinham família. No ranking de potencialidades também estavam aqueles que faziam menos falta no funcionamento de toda a estrutura da Cooperativa. "Fizemos um roteiro para gente fazer as dispensas da melhor forma possível. Tinhamos uma estrutura para atender três mil e poucos cooperados e na época a gente tinha cerca de mil e poucos agricultores trabalhando com a gente. Era uma estrutura muito grande para atender pouca gente, proporcionalmente", alega.

Naquele período, o caminho encontrado pela diretoria para fazer o que Del Grande avalia como a maneira mais transparente de agir, foi a adoção de uma sequência de reuniões de bairro. "A gente usava aqueles retroprojetores em que tínhamos que fazer as telas de apresentação numa transparência. Havia uma série preparada para essas reuniões. A gente arrumava os argumentos, escrevia os dados da forma mais explicativa possível. Às vezes o cooperado ficava bravo com a gente e nós tentávamos explicar que aquelas eram tentativas de salvamento da cooperativa", comenta.

Ele salienta que o objetivo da diretoria era fazer a cooperativa ser melhor, sem julgamentos de

Três gerações de presidência da Cooperativa: Oscar Knupel, Branco Fadel e Edvaldo Del Grande.



valor sobre o passado. Contudo, depende que era preciso olhar para o que houve de maneira a não repetir falhas, a exemplo da rotação de integrantes na presidência, o que considera uma realidade negativa. "Você não tinha uma identidade de banco mesmo dizia: como eu vou negociar com você se amanhã é outro, depois é outro e depois de amanhã é outro? Precisava ter uma referência. Isso é importante. Claro que não precisa se perpetuar aqui como diretor ou presidente, mas precisa ter uma referência. Então em cima disso a gente fazia muitas reuniões de bairro, sempre no período noturno. Era nos bairros, às vezes na cidade, às vezes na sede. Então, foi muito exaustivo. Muitas vezes chegava em casa triste, nervoso", lembra.

Além disso, conta que a diretoria elaborou um plano de negócios em parceria com a FGV, para ser apresentado ao programa do Governo Federal intitulado de Recoop. Segundo o planejamento, era preciso vender aquelas unidades que se enquadravam entre as atividades não finalísticas, como postos, lojas de roupa e outros. Tudo o que dava margem de contribuição negativa deveria ser desfeito, como foi o caso de Assis, por exemplo. "A unidade já estava fechada. Era um local destinado ao descarcamento do algodão, mas a região já não tinha mais algodão e era necessário buscar de outra região, então não era rentável. Assim como tinha a máquina de café, que poucas pessoas utilizavam. Seguimos o plano, espelhando todo o desejo e as orientações do Recoop. Esse programa foi o que nos possibilitou retomar algumas ações de crédito. Estávamos totalmente sem crédito. Tivemos que dar calote em alguns fornecedores. Uma coisa que não podemos fazer é dar calote no cooperado, mas suspendemos o pagamento a alguns parceiros por um tempo e criamos um cronograma de pagamento de acordo com a rentabilidade da cooperativa. Isso se estendeu por uns sete anos, mais ou menos. Tivemos que reformar silos

} PRIMEIROS PASSOS RUMO AO VÍNCULO COM A COOPERMOTA

Edivaldo Del Grande ressalta que sempre foi ligado à agricultura, tendo nascido na cidade de Palmítal, onde ainda vive parte de sua família. Ela lembra de quando acompanhava o seu bisavô na "aventura" de arrancar tocos de árvores das áreas agriculturáveis com carros de boi. Conforme conta, cerca de 20 pessoas se juntavam nesta operação. Eles cavavam no entorno do tronco e depois o carro de boi, com cerca de quatro animais, puxava o que havia restado das árvores naquelas áreas. Elas já estavam cortadas e na época só restavam os troncos. Esse procedimento é considerado por Del Grande como uma verdadeira prova de força. Ano a ano eles arrancavam um pouquinho. Era tudo mais difícil, sem equipamentos. Enquanto os troncos permaneciam na lavoura, plantava-se em volta deles.

Del Grande comenta que já ia a Coopermota com seu avô. Lembra que a cooperativa era uma casa que ficava em uma esquina, perto da Santa Casa de Palmítal. Desde aquela época já participava da cooperativa. Quando chegou na sua juventude foi pra Marília para fazer colégio e de lá foi pra São Paulo, onde cursou a faculdade de Administração. Na sequência se empregou em empresas como a Alcoa, por exemplo, e acumulou experiência na área administrativa. Depois de um tempo, seu avô ficou doente e pediu pelo seu retorno. Conforme afirma, naquele momento já estava cansado da vida na capital e não estava mais trabalhando. Em pouco tempo, voltou ao interior paulista. A família tinha uma loja de materiais de construção e também cultivava soja e milho. Ele ficava mais na loja, embora não deixasse de estar no sítio, de vez em quando.

Ele conta que um dia, alguns agricultores que compunham o sindicato rural daquele município chamaram para uma negociação. Eles diziam que a Coopermota estava com muitos problemas e que deveriam se unir para montar uma outra cooperativa em Palmítal. Diante desta proposta foi iniciada uma série de discussões sobre o assunto e Del Grande afirma ter se posicionado contrário àquela iniciativa. O grupo alegava que a Coopermota era de Cândido Mota e que por isso não obtinham muitos benefícios com ela, estando distante deles. Criticavam, inclusive, o fato de haver o nome da cidade de Cândido Mota em sua razão social. "Eu disse que não importava se a cooperativa era de Cândido Mota ou de Palmítal já que, desde menino, participava das atividades dela. Ela fazia parte do nosso dia e prestava serviços pra gente", justificava em meio às críticas que surgiam.

Como consequência desta divergência de posicionamento, parte do grupo que iniciou as discussões se distanciou da diretoria do sindicato. "Ficamos em um grupo restrito e começamos a conversar com a diretoria da cooperativa, que naquele período era composta por Renato Nóbile, Zé Roberto Borges e alguns outros. Sugerimos que compuséssemos uma nova diretoria para gente tocar a Coopermota, preservando parte da diretoria que estava lá. A gente achava importante haver esta transição, este conhecimento do que estava se passando. Tinha umas 18 pessoas nesta discussão e no ajuste que negociamos ficou certo que entrariam três novos diretores de Palmítal, e de Cândido Mota, permaneceriam dois diretores. Os outros dois saíram. Ficou o Renato, por Assis, e o Zé Roberto, por Cândido Mota, preservando a identidade daquilo que vinha sendo realizado. Nós partamos do princípio de que éramos agricultores e não gestores. Então entendíamos que haver uma ruptura drástica na direção da cooperativa seria complicado", conta.

Del Grande, Branco Fadel e Aramis Aramis Moutinho Júnior durante evento da Coopershow.



passaram por aqui. Como fruto disso, atualmente exercemos uma representatividade muito expressiva dentro de São Paulo, a exemplo do que ocorre com algumas outras cooperativas. Mas, assim como as demais cooperativas do estado, ela precisa fazer um planejamento para algo maior. Temos competência para isso, estamos preparados e temos gente com gabarito para preparar uma estrutura que nos leve para algo maior. Eu não sei o que seria este caminho. Nós, enquanto membros da Ocesp, vamos plantar a sementinha e quem vai dizer qual o caminho a ser tomado serão os presidentes das cooperativas. Faremos workshops para pensar isso entre as lideranças do agro. Vamos falar sobre os acordos que vêm sendo firmados e perceber como podemos nos beneficiar deles para agregar valor ao nosso produto. São várias frentes proporcionadas pelos acordos entre Brasil e Mercosul, Mercosul e União Europeia, Brasil e China, Brasil e Índia, só para citar alguns. Como agricultores, buscamos sempre nos informar sobre como colher melhor e plantar melhor, mas nós precisamos efetivamente pensar, daqui pra frente, para onde nós vamos e como nós vamos. Essa definição precisa ser planejada. Acho que os próximos 60 anos serão brilhantes para a cooperativa e para nós, agricultores”, avalia o presidente da Ocesp e ex-presidente da Coopermota, Edivaldo Del Grande.

Ele destaca que, apesar das cooperativas ajudarem muito o produtor rural, é preciso que o agricultor possa ganhar mais dinheiro. “É o agricultor quem movimenta toda essa máquina, toda essa estrutura que sustenta o setor que vem sendo difundido com uma campanha de marketing que diz que o agro é business, é pop, é tudo. O agricultor é aquele que está no campo suando a camisa, que está plantando milho sem a perspectiva de chuva. São estas caras que precisam ganhar dinheiro para eles continuarem no campo, para que eles queiram que os próprios filhos continuem no processo produtivo”, defende.

Ele destaca que há pouco tempo esteve na França e o que ouviu por lá é que o governo não vai aguentar bancar mais os 60% de subsídio pagos aos agricultores por muito tempo. Del Grande comenta que, o que se diz é que a tendência naquele país é que estes agricultores que vivem só do campo desapareçam. “Na França, 50% dos agricultores têm mais de 60 anos e não há uma realidade de sucessão no setor. Nós não queremos que nossos filhos sejam agricultores e la eles também têm este problema. Eles têm a mesma dificuldade que nós, mas a diferença é que os agricultores franceses não são apenas agricultores, mas sim industriais. O que se muda é o conceito. Com esta perspectiva, é possível agregar valor ao produto produzido por ele. Precisamos entender este processo. Sendo assim, quem vai ditar os próximos 60 anos serão nós mesmos. O futuro não existe, ele é feito por nós, dentro de um planejamento que seja factível de ser aplicado”, afirma.

Del Grande foi presidente da Coopermota entre 1997 e 2005



“A

cooperativa tem um caminho muito bom pela frente. Hoje, como presidente da Cesp, temos a preocupação em preparar um plano de negócio para as cooperativas do agro. Elas precisam enxergar o futuro para os seus próximos anos. Caso seja a

nossa aptidão, nós podemos ser mais do que um grande operador logístico. A Coopermota é uma das melhores cooperativas do estado de São Paulo e a diretoria atual tem feito um trabalho muito importante, assim como o Oscar e outros gestores que

Quem vai ditar os próximos 60 anos seremos nós mesmos. Del Grande situa a cooperativa na conjuntura do mercado estadual, posiciona seu pensamento sobre políticas voltadas ao setor e ainda relembra alguns momentos do período em que esteve à frente da gestão da cooperativa

Os próximos 60 anos guiados por um plano de negócio

▼ Série Ex-presidentes
Edvaldo Del Grande



Edivaldo Del Grande 1997 até 2005



Nesta Edição

Renato Nobile
abril 1994 - fevereiro de 1995
maio de 1996 - dezembro 1997



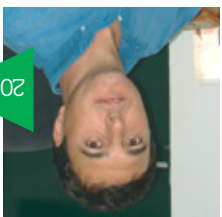
1995
1997

Edivaldo Del Grande
abril de 1997 - maio de 2005



2005

Oscar de Goës Knuppel Neto
maio de 2005 - maio de 2009



2009

Edson Vamir Fadel
maio de 2009 - presente



Valter Aparecido Franciscani
março 1990 - abril 1991



1991

Milton Andreotti
abril 1991 - abril 1992



1992

José Aparecido Fernandes
abril 1992 - março de 1993



1993

José Roberto Borges
março 1993 - março de 1994
março 1996 - abril 1996



1994
1996

Jair Ribeiro
da fundação até 1987



1987

Antônio Dornzete
março 1987 - dezembro 1989



1989

Antônio José Tondato
dezembro 1989 - fevereiro 1990



1990

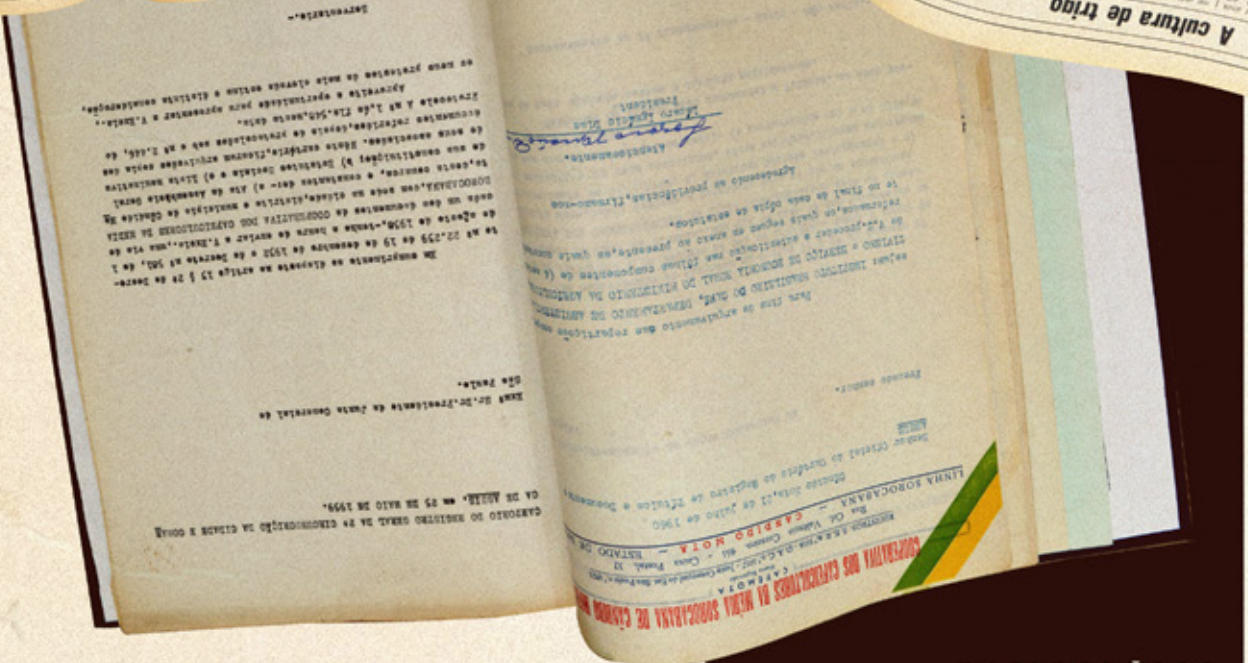
Antônio Jabur
fevereiro de 1990 - março 1990



1990

Presidentes Coopermota







Edson Valmir Fadel
Presidente da Coopermota

Findo um período é hora de arregaçar as mangas para continuarmos trabalhando no início de um novo ciclo. O jubileu de diamante já foi comemorado, hoje celebramos nossos 61 anos. O passo seguinte é nos esforçarmos para chegar até as próximas bodas com números positivos e capital humano competente para alcançar patamares ainda mais expressivos à nossa cooperativa. Desde 2012, quando foi realizado o nosso primeiro planejamento estratégico, o qual foi renovado em 2016, estamos traçando as metas e nos organizando para atingi-las com categoria e até superando, quando possível. O nosso futuro é de crescimento, destacamos que a proposta é de um desenvolvimento sustentável mais lento, porém sólido, capaz, capaz de suportar as adversidades.

O cooperado tem feito a sua parte, dedicando-se em manter este patrimônio, que é dele, cada vez mais fortalecido e capaz de suportar situações como a que estamos vivendo neste ano. Momentos de incertezas comerciais e até sociais provocados pela pandemia terão efeitos que ainda não podem ser mensurados, porém temos a meta de fazer este momento ser superado da melhor maneira possível.

Neste ano fomos mais uma vez eleitos para estarmos atuante nas tomadas de decisões da cooperativa. Agradecemos aos cooperados pela demonstração de confiança a nós dedicada, para que possamos exercer mais um mandato na diretoria da Coopermota. Nós, assim como os demais membros das diretorias que nos antecederam, colocamos em prática a decisão de todos O cooperativismo tem se mostrado como um importante caminho para a superação dos impasses econômicos que surgem no decorrer de nossa história. Que possamos estarmos juntos e cada vez mais forte para definirmos as diretrizes e participarmos de uma agricultura pujante e formadora de uma sociedade mais justa, com impulsão a um desenvolvimento social e econômico mais equilibrado e em ascensão.

OS PRÓXIMOS 60 ANOS JÁ COMEÇARAM

49

Del Grande lembra de sua trajetória na Coopermota e aposta no futuro

CICLOS QUE SE ENCERRAM

Hoje já temos 61 anos. Terminamos nesta edição da revista O Campo, a sequência de entrevistas com ex-presidentes da Coopermota e com alguns daqueles que fizeram parte das fases iniciais de atuação da Coopermota. Adversidades sempre fazem parte de diversos planejamentos e, é claro, muitos outros cooperados e até mesmo ex-presidentes, também mereciam deixar sua memória registrada nestas páginas. Contudo, deixamos a fala destes que aqui foram entrevistados, como a representação da história de muitos outros, tão importantes quanto todos aqueles que foram ouvidos por nós, da revista O Campo.

Encerramos a comemoração do nosso Jubileu de Diamante, com 12 meses de celebração. Pontuamos este mês de maio de 2020, como o marco do início de um novo ciclo. Um momento em que passamos para o degrau de cima e atuamos para chegar cada vez mais longe nesta escalada de desenvolvimento.

Os relatos que reunimos nas últimas edições destacaram momentos de muitas dificuldades, mas também de grande capacidade para superações individuais e coletivas. As experiências acumuladas pelas diretorias e até mesmo pelos agricultores que compõem este empreendimento, serão base para as iniciativas que serão adotadas em planos futuros.

Para esta edição, conversamos por cerca de 1h com Edivaldo Del Grande para retratarmos mais uma etapa de desenvolvimento da Coopermota. Nessas lembranças relatadas, o ex-presidente da cooperativa agradece a experiência vivida neste cargo e enfatiza a sua percepção de que para a Coopermota continuar neste caminho de crescimento é preciso traçar planos específicos e tentar agregar valor ao produto comercializado.

Todos os presidentes que passaram pela diretoria da Coopermota deixaram a sua marca e a sua contribuição para a atual realidade vivida. Deixamos aqui o nosso agradecimento a eles e a todos os milhares de agricultores a ela associados. Agora trabalhamos para as próximas décadas.

Espero que a cooperativa e você ocupem o lugar mais alto de desenvolvimento, possível. E o que eu desejo a todos.

Obrigada!

Boa leitura.



Vanessa Zandonade
Editora

Expediente

EDIÇÃO, REPORTAGENS, FOTOS E REVISÃO

Vanessa Zandonade (MTB 43 463/SP)

ARTE E DIAGRAMAÇÃO

NovamCP Comunicação

IMPRESSÃO

Magrat

ANÚNCIOS

Departamento de Comunicação Coopermota
18 3341 9436 / 18 9 9163 0985

REPRESENTANTE COMERCIAL

Agromidia - São Paulo
Guerreiro Agromarketing - Maringá

REVISTA O CAMPO

Av. da Saúde, 85
Cândido Mota - SP
ocampo@coopermota.com.br



PRESIDENTE

Edson Valmir Fadel

VICE PRESIDENTE

Antônio de Oliveira Rocha

TIRAGEM

3000 exemplares



ATENÇÃO PECUARISTAS

O prazo para vacinar bovinos e bubalinos contra a febre aftosa e fêmeas bovinas e bubalinas contra brucelose foi prorrogado para o dia 30 de junho!



A entrega das declarações de vacinação contra febre aftosa e contra a brucelose deve ser realizada até o dia 31 de julho de 2020 pelo sistema Gedave <https://gedave.defesaagrpecuaria.sp.gov.br>

OS PRÓXIMOS 60 ANOS DEPENDEM DE NÓS MESMO

Comemoramos 61 anos e
finalizamos um ciclo.
Os próximos já estão
sendo construídos

Edivaldo Del Grande
lembra de sua trajetória à
frente da Coopermota



Mala Direta
Básica
Contrato: 2017
CNPJ 4684438/0001-20 / SE/SPI
Coopermota Industrial
Coopermota Cooperativa
Correios

Edição 33 • maio | junho • 2020

campo

